1
CENÁRIO DE ORIGEM: O PSICÓLOGO E AS CRIANÇAS NOS BASTIDORES DA TV

Esta dissertação tem como cenário os bastidores de uma empresa de televisão. A partir do trabalho desenvolvido como psicóloga infantil com as crianças que habitam esse universo, deparei-me com uma série de situações que me pareceram bastante ricas para pensarmos a relação da infância contemporânea com a mídia. Apesar de a prática como psicóloga não ser o objeto em foco neste trabalho (isto poderia ser objeto de uma outra dissertação), uma descrição inicial dessa experiência nos parece necessária. Por quê? Primeiro, porque é a partir dela que se delimita o campo de prática desta pesquisa; segundo, porque a demanda pela presença do psicólogo é despertada por outra presença: a presença, de alguma forma inquietante naquele contexto, das crianças. Assim, entendemos que a presença do psicólogo ali se fez necessária a partir da presença das crianças; uma vez presente, o trabalho deste psicólogo passa a ser trazer constantemente para o centro das questões a presença peculiar desta criança. Nesse jogo circular, psicólogo e criança vão se tornando vozes indissociáveis.[1]

O trabalho que realizei consistia em acompanhar as crianças que trabalham nos programas de TV, durante as gravações. O objetivo determinado pela empresa para esse acompanhamento, variou de uma experiência para outra.

Em minha primeira experiência com as crianças de um programa da linha de shows, a demanda foi focada no desempenho das crianças frente às câmeras. Este programa tem um formato que, pelo menos originalmente, se basearia na espontaneidade e na criatividade das crianças, já que a sua intenção era entreter o telespectador com a "inusitada" e, principalmente, "engraçada" visão infantil acerca dos mais variados assuntos. Foi justamente a dificuldade para se atingir esta "espontaneidade" que fez com que a direção do programa decidisse recorrer ao auxílio profissional de uma psicóloga infantil.

---

[1]Como este trabalho envolve figuras públicas — crianças e adultos —, fiz a opção de não revelar o nome da empresa ou do programa, para preservar a identidade das pessoas envolvidas. Os nomes usados são fictícios, escolhidos pelos próprios sujeitos envolvidos na pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Meu diagnóstico, chegando ao programa, foi detectar a existência de uma contradição: esperava-se um comportamento espontâneo das crianças durante as gravações, mas elas eram obrigadas a usar um "ponto" (aparelho usado no ouvido, através do qual o diretor se comunica com os artistas em cena). Além disso, a elaboração das perguntas a serem feitas pelas crianças a um convidado famoso em um quadro fixo do programa ficava entregue à equipe de redatores. A situação criava, na verdade, uma "espontaneidade fabricada", e não um ambiente com as condições que favoreceriam uma espontaneidade de fato.

Minha primeira intervenção foi apontar a contradição. Propus então que o "ponto" fosse abolido e que as perguntas da entrevista passassem a ser formuladas pelas próprias crianças. Fiquei, então, incumbida da tarefa de coordenar a elaboração dessas perguntas.

A segunda experiência deu-se em um outro programa com formato de dramaturgia, e portanto de ficção. A demanda por uma psicóloga infantil, nesse caso, foi de outra ordem. A preocupação ali é com aquilo que acontece com as crianças "por trás das câmeras", justamente nos bastidores. Comportamentos não desejados do elenco infantil estariam dificultando o trabalho de produção.

Um primeiro diagnóstico aparentemente superficial da situação encontrada apontava para um quadro de "estresse infantil". Os tais "comportamentos indesejados" pareceram, a despeito de outros fatores que requeriam maior aprofundamento de observação, uma mera reação a um cronograma pesado de trabalho. A partir desse diagnóstico, medidas foram tomadas no sentido de diminuir a carga horária de trabalho das crianças, ainda que isso significasse um atraso em já tão apertado cronograma de produção.

Ao longo dessa experiência, encontrei, conheci e fiz vínculos com muitas crianças habitantes desse estranho mundo dos bastidores. Algumas, ainda bem novas, já são veteranas e circulam por esse mundo com uma desenvoltura surpreendente. São capazes de trabalhar muito duro, viajar todas as semanas de suas cidades para os estúdios e suportar, muitas vezes, a incompreensão e a insensibilidade dos adultos que as cercam. Mesmo assim, permanecem com uma obstinação "de adulto". Em alguns casos o desejo que sustenta esta obstinação estava claramente na mãe e no pai. Em outros, na própria criança. Em geral, ocorria uma mistura indistinta de desejos que, de uma maneira ou de outra, tomavam conta do universo dessas crianças.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Outra observação, captada na prática e que pode ser útil ao desenvolvimento deste trabalho, aponta a televisão como um dos maiores estimuladores culturais no cotidiano dessas crianças . Elas não têm, portanto, o hábito de freqüentar teatro infantil ou o de ler, por exemplo. Em seus contextos familiares esses também não são, em geral, hábitos difundidos. O desejo de entrar para a TV estaria muito mais relacionado à possibilidade de se tornar um "artista famoso" do que a exercer qualquer tipo de atividade artística. Ao contrário, a experiência nos bastidores demonstra que o trabalho em televisão geralmente leva as crianças à educação artística (como forma de se aperfeiçoar) e ao trabalho em outros universos artísticos, como o teatro. Levando em consideração o fato de que isso as aproximaria do mundo artístico no sentido mais amplo, para além de seu apelo de "celebrização", poderíamos pensar nesse movimento "em direção à TV" como uma experiência positiva.[2]

No relato das mães e mesmo das crianças de como perceberam o "talento" dos pequenos artistas, é bastante comum a referência ao hábito das crianças de imitarem com perfeição e graça anúncios e personagens da TV. A televisão e a sua imitação funcionam, assim, como indício da possibilidade de um dom artístico.

A presença dos responsáveis pela criança nas gravações é uma exigência da lei. Dependendo das características do programa e do personagem (se o programa é diário ou não, se a criança é protagonista ou não), a freqüência da criança — e conseqüentemente de seu responsável — é variável. Assim, há pais que passam os dias inteiros no papel de acompanhantes, abrindo mão, nesse caso, de seus próprios trabalhos. A aproximação com esses "personagens" foi imprescindível para a prática como psicóloga, bem como para o posterior trabalho da pesquisa. Conhecê-los de perto fez-me desconstruir a idéia mais comum de que seriam "exploradores" de seus filhos, na ânsia de satisfazer, através deles, seus desejos de sucesso e dinheiro, submetendo-os, assim, a situações inadequadas e incompatíveis com uma infância ideal. Tais casos, certamente, existem, mas a relação entre os pais, seus filhos, seus contextos sociais e suas escolhas merece

[2] Do universo de vinte crianças que fazem parte do grupo desta pesquisa, 80% delas passaram a fazer alguma aula ligada à arte, como dança ou teatro, e 75% foram fazer peças de teatro infantil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

um olhar menos simplificador. Encontramos, nessa prática, pais conscientes e preocupados com as próprias escolhas e com a própria responsabilidade. Encontramos também, como em qualquer relação entre pais e filhos, a dimensão narcísica da identificação e da satisfação com o sucesso deles. A questão do dinheiro (fator material que justificaria a exploração) apresenta-se, também, muito mais complexa do que nos informa o senso comum, tanto pela remuneração das crianças, na grande maioria das vezes muito aquém do *glamour* do trabalho na mídia, quanto por suas próprias realidades sociais. Além disso, suas definições do que seja "uma infância ideal" vão variar de acordo com suas realidades e, até mesmo, com suas próprias experiências de infância. Em nossa realidade brasileira tão díspar, o que, para uns, pode ser uma exploração para outros pode ser uma oportunidade — até mesmo de se aproximar do que seria essa "infância ideal".

Muitas vezes percebi nos discursos dos próprios profissionais das equipes esse mesmo preconceito em relação aos pais. O que, aliás, revela posições bastante ambivalentes em relação aos responsáveis. Em primeiro lugar, na maioria das vezes, sua presença compulsória representa um estorvo para a produção: lidar com eles, organizar espaços para a sua permanência e, principalmente, administrar suas queixas em defesa dos filhos são um problema a mais. Ao mesmo tempo em que os condenam por submeterem seus filhos ao ambiente pesado de trabalho que consideram estressante para eles mesmos — ou seja, de serem pais que não protegem seus filhos —, também são capazes de criticá-los quando esses mesmos pais criam algum eventual problema para a produção, no intuito de tentar proteger suas crianças de algo que achem ruim. Nessa perspectiva, isso acaba não sendo visto como a proteção e responsabilidade paternas, que o preconceito julga inexistente, mas como um incômodo a mais. A contradição fica por conta do jogo por trás de tais crenças. Colocando a responsabilidade nos pais, a equipe se redime (mesmo que inconscientemente), da sua própria responsabilidade de estar lidando com a criança naquele contexto. "A culpa é dessas mães malucas."[3] Isto não é uma regra. Portanto, também é possível encontrar, nos bastidores, relações de confiança e afeto entre a equipe e os pais.

[3] Frase dita em reunião de equipe por um de seus integrantes, numa discussão sobre o diagnóstico de estresse dado por mim.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

O esquema de produção da televisão é dividido em núcleos. Dentro desses núcleos há diferentes produtos sendo feitos com equipes totalmente distintas e com suas próprias estruturas hierárquicas. O diretor geral de cada uma dessas equipes é o ponto mais alto, abaixo, apenas, do diretor de núcleo. Como chefe da equipe, o diretor geral tem liberdade para organizar o processo de produção da maneira que achar melhor. A empresa é, na verdade, um arquipélago de diferentes ilhas que são as equipes de produção, cada qual com sua maneira própria de trabalhar.

Uma equipe de produção de televisão engloba todos os profissionais envolvidos com a feitura de um *produto*, tais como diretores, figurinista, cenógrafo etc. Não é coincidência que no discurso da TV se nomeie de *produto* um programa de sua grade. Essa equipe, de fato, funciona como um linha industrial de produção, onde cada um tem o domínio de uma parte do processo, um fragmento. Numa relação fragmentada em funções específicas e de muita exigência da eficiência, é evidente que as relações entre as pessoas ficam restritas às suas funções enquanto os sujeitos por trás delas desaparecem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

1.1
Um psicólogo em Marte[4]

O ambiente diário de gravações é o objeto de minha observação e análise, onde muitos elementos estão em relação de força, mas subdivididos em três eixos principais: a criança, a sua família e a equipe. É no encontro/confronto desses vetores de interesses e desejos que o psicólogo se encontra.

1.1.1
Com as crianças

Todo trabalho psicológico é delicado e se dá de formas muitas vezes sutis. Para o universo predominantemente imaginário da criança, um gesto, uma palavra, um olhar podem fazer toda a diferença.

---

[4] Paródia com o título do livro do escritor Oliver Sacks "Um antropólogo em Marte"

É o primeiro dia de gravação após o retorno de Maria (ela esteve doente). Muito mobilizada pelas mudanças na equipe e as expectativas criadas a partir delas, ela me dá a mão durante o tempo em que está se maquiando. Esse sempre foi o momento de seu dia de trabalho mais "chato" para ela, e é a primeira de suas obrigações na gravação. Esse aperto de mão lhe garantiu alguma segurança num ambiente em transição, uma referência conhecida e confiável que a acalmou visivelmente e pela qual agradeceu depois.

Esses gestos não eram uma exclusividade da minha prática como psicóloga, mas como alguém atento a essas sutis necessidades, eu as compartilhava com a equipe e os responsáveis para, juntos, encontrarmos a melhor maneira de lidar com as crianças, tentando integrar todas as necessidades e demandas em jogo. O psicólogo passou a ter o papel de um elo de comunicação entre os três eixos, procurando, a partir desse diálogo, garantir o bem estar e o desenvolvimento das crianças, tendo como conseqüência um bom desempenho. Tentava-se dessa forma promover uma relação mais tranqüila com as exigências de disciplina e responsabilidade que se impõem a estas crianças que trabalham na TV.[5]

Fui percebendo que o psicólogo deve estar sempre disponível para ser um ponto de apoio e acolhimento diante dos sentimentos mais íntimos das crianças. Eram comuns as conversas privadas comigo, onde falavam de seus sentimentos mais íntimos e sobre as suas vidas, ou ainda sobre acontecimentos típicos daquele contexto. Geralmente as crianças eram as primeiras a abrir espaço para a inserção do psicólogo em seu cotidiano. Eram bastante corriqueiras as solicitações como a que faz Maria: *"Vem cá, que eu tô com um problema e preciso conversar com a minha psicóloga"*.

As questões relacionadas à fama, à exposição na mídia e às expectativas criadas a partir delas também foram tomando parte das minhas preocupações, como psicóloga, naquele contexto. Fui percebendo como era importante manter sempre presente, nas conversas com as crianças e seus responsáveis, o caráter transitório da condição em que se encontravam. Conversávamos sobre outras crianças na mídia e suas trajetórias e também sobre os desejos e as expectativas que nutriam para além dessa opção. Todas as crianças falavam que queriam isso

[5] Em nossa visão, a "adaptação" a que nos referimos não pretende ser uma adequação unilateral das crianças às regras da empresa. O que se pretende é um ajuste das duas partes em nome de um objetivo comum.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

mesmo: *"Ser artista"*. Mas, diante da minha pergunta *"O que você quer ser, além de artista?"*, jorravam múltiplas opções, tais como ser veterinária, médica, jogador de futebol, bombeiro... Essas conversas não deixavam de ser uma tentativa de manter sempre acesos os desejos e os sonhos relacionados às outras áreas de suas vidas. Aos responsáveis cabia sempre a orientação de valorizar seus filhos, independentemente de seu desempenho profissional, e garantir o amor não condicionado às expectativas de sucesso. Eu reiterava, nessas conversas, o quanto era importante, tanto para o trabalho quanto para a vida e as relações das crianças, garantir a segurança emocional e o investimento em seu desenvolvimento, para além daquele trabalho, já que o ingresso precoce na carreira artística não garante sua continuidade.

Respeitando as limitações que todo trabalho institucional oferece, e quando via necessidade evidente, eu encaminhava a criança a outro psicólogo, exterior àquele ambiente de trabalho. Outras vezes, foram suficientes uma ou duas conversas com a criança, fora dali. Em um dos casos, toda a família foi encaminhada a um "terapeuta de família". Essa atenção, sem dúvida, nos ajudou a estreitar vínculos e a estabelecer uma relação de confiança que ultrapassou as fronteiras daquele contexto.

Outro foco do trabalho com as crianças dava-se no âmbito das relações do grupo que compunha o elenco infantil. O grupo tem, na visão da psicologia, uma força muito grande para trabalhar questões individuais. Sendo assim, e através do relacionamento entre eles, tinha-se a oportunidade de discutir as questões pertinentes a cada criança.

1.1.2
Com os pais ou responsáveis

Para os pais e responsáveis, percebia que o psicólogo assumia uma conotação de cuidado, confiança e segurança. Fui construindo com eles e com a equipe, o papel de funcionar como um representante desta e da empresa, que teria como foco o cuidado de suas crianças. Pude perceber com clareza, em minha experiência e nos relatos dos responsáveis com quem trabalhei, que foi essa, e não outra, a função atribuída ao trabalho do psicólogo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Denise (mãe de Maria): Não sei o que seria destas crianças se você não estivesse aqui...

Clara (mãe de Joana, ao me encontrar em um almoço, uma semana depois de ter saído do programa): Você está fazendo tanta falta! A gente pode continuar te ligando se precisar de alguma coisa, de um conselho?

Daniela (mãe de Fernando, num telefonema para a minha casa, seis meses depois de minha saída do programa): Eu gostaria de saber de você o que é o melhor a fazer, pois tem coisas acontecendo que eu não estou achando boas...

Fui rapidamente acolhida pelos responsáveis (o que talvez indicasse como havia a necessidade de um elo). No entanto, no processo, criaram-se distorções que precisaram ser esclarecidas. Foi preciso interferir numa dinâmica que praticamente colocava os responsáveis e a equipe em oposição. Como conseqüência, em alguns momentos, os responsáveis me localizavam ao "lado deles" e esperavam de mim atitudes muitas vezes drásticas em relação à equipe. Era preciso, então, esclarecer e reiterar que eu era parte daquela equipe e que o meu papel era representá-los e aproximá-los dessa equipe, levando suas observações e reivindicações às reuniões mas atitudes drásticas como vetar a extensão de horários, era um poder que só eles, responsáveis, tinham.

Em um dia de gravação especialmente longo em que os responsáveis já não viam a hora de ir pra casa, as crianças ainda foram encaminhadas pela produção para uma sessão de fotos. As mães, contrariadas, exigiam que as fotos fossem interrompidas. A avó de Carlos, que o acompanhava naquele dia, falou: "Vai lá e tira ele dessas fotos, por que eu estou indo embora agora! Isto é uma exploração!".

Diante do que eu disse: que não tinha autoridade para fazê-lo sair de lá, mas que ela, sim, como responsável,tinha, ela responde: "Você trabalha para quem? Para as crianças ou para a empresa?".

Muito nervosa, ela nem ouviu meus argumentos. Mas aquela pergunta foi fundamental para uma reunião que agendei com todos os responsáveis para o dia seguinte, em que esclareci nossos papéis naquele contexto:

— Eu trabalho para a empresa, é ela quem me paga. Mas parte do meu trabalho é exatamente ter um olhar crítico para a própria instituição. No entanto, meus atos têm uma limitação institucional e nossos papéis não podem se confundir. Mas vocês têm o direito e o poder de intervir nesse tipo de situação, e meu compromisso é o de garantir esse espaço legítimo, das suas vozes, dentro da equipe.

Meu trabalho com a equipe seguia o mesmo processo: primeiro, desconstruir a oposição entre eles e os responsáveis, demonstrando que os últimos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

não eram um detalhe burocrático, mas figuras que devem ser levadas em consideração se queremos trabalhar com crianças. Ou seja, trabalhar com elas significa trabalhar com os seus responsáveis. Segundo, garantir, dentro da equipe, que a voz deles fosse ouvida. Assim se construía um outro tipo de relação, a partir da qual eles sentiam que a empresa estava interessada em suas crianças, e não só como seus funcionários, mas como pessoas que precisam de cuidados específicos. Isso fez com que a consolidação de vínculos de confiança entre ambas as partes tornasse o ambiente mais tranqüilo e com a comunicação mais aberta. Essa tranqüilidade dos responsáveis mostrava-se essencial para o bem estar e o bom desempenho das crianças que têm com seus pais os vínculos mais fortes.

A resposta de Joana para a pergunta de quem era seu chefe no ambiente de trabalho ilustra esta situação: ela respondeu que era a sua mãe. Isto é natural pois é em relação a ela que Joana se remete como autoridade primeira, é a ela que Joana se preocupa em agradar com um bom desempenho. Reforçando esta idéia estariam todas as situações em que presenciei os filhos satisfeitos ou não com seus próprios desempenhos, a partir do julgamento de seus pais, colocados acima da opinião dos profissionais.

Nesse trabalho do psicólogo, fui descobrindo que era necessário desconstruir, em parte, essa idéia. Era preciso que a criança entendesse que em seu ambiente de trabalho os "chefes" eram as pessoas da equipe, que era nelas que deveria estar depositada a figura da autoridade, mais ou menos como o professor e o diretor de suas escolas. Para que se desencadeasse essa transposição do afeto, respeito e lugar da autoridade, no entanto, era necessário que, como na escola, houvesse confiança dos pais e das crianças nas pessoas da equipe.[6]

No entanto, digo que a desconstrução dessa autoridade parental, mesmo no ambiente de trabalho, deve ser feita em parte, pois existe um limite a partir do qual a tutela e a responsabilidade sobre as crianças não cabem e nem é interessante para a empresa que caibam. Como na escola, essa responsabilidade precisa ser compartilhada, através de uma parceria entre esses responsáveis e a empresa. E para que isso aconteça o psicólogo precisa colocar-se disponível para

[6] Essa sempre foi uma questão delicada da negociação entre os três eixos, e algumas de suas principais características apontam para a peculiaridade das relações construídas nesse contexto: relações tipo patrão/empregado, ou seja, um tipo de vínculo que não existe na vida da criança que não trabalha. Voltaremos a essa questão específica mais adiante, quando estivermos envolvidos com o campo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

o diálogo, tornando-se um interlocutor dos pais dentro da equipe, e vice-versa, aproximando-os e reconhecendo que a presença dos responsáveis (legalmente exigida) e de suas "vozes" é indispensável ao trabalho de seus filhos.

1.1.3
Com a equipe de produção

O psicólogo, antes de mais nada, é parte da equipe de produção; é um funcionário da empresa, como todos os outros membros da equipe, devendo, assim, respeitar os limites hierárquicos e as regras dessa instituição. Seu trabalho não pode estar em confronto com as diretrizes acima dele. Ao mesmo tempo, no entanto, espera-se dele que traga visões diferentes sobre as situações, como um observador situado dentro e fora ao mesmo tempo. Muitas vezes, em reuniões, me vi fazendo o papel do "advogado do diabo", o papel de alguém que antecipa as críticas que poderiam vir de lugares externos. Sendo assim, como psicóloga, colocava-me como a parte da equipe e da empresa que tinha como foco a criança e a busca de um equilíbrio entre um bom desempenho e o seu bem estar. Era necessário, pois, que se criassem vínculos de confiança com a criança, seus responsáveis e com própria equipe. Esse ambiente de confiança mútua tornou-se uma condição para que se realizasse o trabalho, e onde não foi possível construí-lo ou mantê-lo o trabalho foi interrompido.

Não foi tarefa fácil construir um espaço para esse trabalho dentro do esquema industrial que caracteriza, em geral, o funcionamento das equipes de produção. Nos dois programas em que trabalhei, essas equipes sofreram mudanças, e a cada uma delas uma nova construção se fazia necessária. Em linhas gerais, o espaço que ocupava era o de contribuir com um saber específico sobre o universo infantil. Com esse conhecimento o psicólogo podia contribuir para a construção de um ambiente confortável para as crianças, criando medidas e condutas possíveis, que estivessem de acordo com as necessidades do produto e da sua produção.

Um exemplo dos benefícios dessa comunicação foi a reação da equipe de um dos programas depois que compartilhei com eles um pouco da vida pessoal das crianças e da trajetória de cada uma — crianças com quem trabalhavam diariamente mas das quais não sabiam quase nada. Essa aproximação, simples,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

humanizou as relações e permitiu diferentes perspectivas para o olhar da equipe sobre as crianças.

1.2
Uma idéia na cabeça, um olhar sobre os bastidores e uma responsabilidade nas mãos

O que chamei aqui de *humanização das relações* no trabalho pode ser considerado como uma das diretrizes básicas dessa prática institucional: o psicólogo tem a função de estar sempre trazendo para esse contexto os sujeitos, para além de suas funções na equipe. No nosso caso, deve-se trazer a criança que está por trás do ator, do funcionário, do trabalhador inserido na tal linha de montagem e produção. É interessante observar, no entanto, que o foco na criança e a conseqüente problematização e os questionamentos que esse foco acarreta acabam por colocar em perspectiva todas as outras funções e todos os outros sujeitos envolvidos no trabalho. Pensar um ambiente de trabalho mais humanizado e adaptado às crianças faz com que todos da equipe se questionem e disso se beneficiem.

Quando dei o primeiro diagnóstico de estresse infantil para as crianças, vários profissionais da equipe passaram a compartilhar comigo o estresse que estavam vivendo na produção do programa. Brincadeiras como "nós também precisamos de psicólogo" eram corriqueiras, e, de fato, muitas pessoas se aproximavam de mim com essa demanda, pedindo indicações, orientações e conselhos.

A presença da criança e do psicólogo como possíveis agentes transformadores de uma estrutura é uma idéia que atravessa toda a minha conduta ética como profissional. Vejo na relação com a criança a oportunidade de dialogar com a diversidade, que, uma vez legitimada como tal, pode e deve provocar transformação. Com essa visão procurei desconstruir a idéia "mais fácil" e corrente nesse contexto: a idéia de que, uma vez feita a escolha pela vida do trabalho, a criança deve aceitar e se adaptar ao universo adulto. Essa idéia coloca toda a responsabilidade pela entrada no "mundo do trabalho" na escolha da criança e na de seus responsáveis, retirando a da empresa que acolhe essa mão de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

obra infantil. Dando-lhe voz e potência vamos construindo a possibilidade de promover também uma espécie de adaptação às avessas.

A criança, na grande maioria das vezes, não consegue agir restrita à sua função de artista e funcionário, não se encaixando perfeitamente nessa linha de produção. Acredito que seja este desajuste que acabe por criar a demanda pelo profissional de psicologia. Isso se manifestou quando as crianças não conseguiram funcionar no esquema do "ponto" e da "espontaneidade controlada" — prática difundida entre apresentadores de televisão. A mesma situação se repetiu quando as crianças deram sinais, expressos pelo estresse diagnosticado, de não adaptação a um ritmo de trabalho comum aos profissionais de televisão.

A princípio, então, o que a instituição desejava era que o psicólogo operasse o ajuste da criança a essa estrutura predeterminada, onde o imprevisto não é, de modo algum, bem vindo. No entanto, a liberdade que tive em estruturar o meu trabalho possibilitou que outras propostas fossem feitas às equipes. Foi, então, possível trazer para o ambiente de trabalho uma determinada visão que temos da infância; uma visão segundo a qual o ajuste unilateral da criança ao *stablishment* significaria submetê-la a algo que não lhe traria nenhum desenvolvimento ou enriquecimento como sujeito — o que, ainda por cima, faria com que os adultos envolvidos e a própria instituição perdessem a oportunidade de se transformar a si mesmos no encontro com o outro, com o diferente e alteritário. Foi com essa convicção que construí o espaço do psicólogo na equipe e, conseqüentemente, o espaço das próprias crianças.

Trabalhar com crianças significa respeitar limites legais, físicos, psicológicos e familiares. Significa cuidar, proteger, educar, promover aprendizagem e, sobretudo, ouvi-las. Significa ter em mãos "sujeitos em formação". Não há aqui uma visão desenvolvimentista da infância como uma etapa onde a criança representa alguém menos capacitado que o adulto, mas, antes, a idéia de que a criança se apresenta como uma alteridade em relação ao adulto e que é preciso respeitá-la legitimando a sua diferença: alguém que traz as suas especificidades.

Segundo o "Estatuto da Criança e do Adolescente", o trabalho infantil só é permitido a partir dos quatorze anos e, mesmo assim, com o caráter de aprendizado. O que possibilita o trabalho de crianças na televisão antes desta idade é a justificativa de que, sendo um trabalho artístico, promove

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

desenvolvimento e aprendizagem, o que faz de todos nós, envolvidos com as crianças em seu ambiente de trabalho, educadores em potencial.

O desempenho como trabalhador e funcionário e o desenvolvimento como sujeito passam a ser, assim, metas. É para isto que se faz necessário a esta discussão trazer os preceitos do "Estatuto da Criança e do Adolescente", pois nele está presente a fala da lei, à qual todos nós, neste contexto, estamos submetidos.

Essa postura ética colocaria o bom desempenho da criança como trabalhador, funcionário e artista atrelado a uma boa adaptação a esse contexto de produção. A boa adaptação, por sua vez, tem como premissa a reestruturação de todas as partes em nome de um objetivo comum: a feitura de um determinado produto televisivo onde trabalham crianças. Desse modo, gostaríamos de pensar que o psicólogo ocupa um lugar que leva em consideração as demandas da lei, as das crianças, as da empresa (instituição) e, sobretudo, as da ética. A constante tensão entre a preocupação com o produto e a sua eficiência, sempre preponderante no universo televisivo, e a preocupação do psicólogo (não exclusiva dele, mas preponderante em sua função) com o bem-estar das crianças[7] é um terreno fértil para a reflexão.

O trabalho em televisão é, por excelência, espaço de produção, eficiência e rapidez. No lema que faz parte da linguagem comum de seus trabalhadores, fazer televisão é "matar um leão por dia". É um trabalho de superação, onde o impossível praticamente não existe, a não ser onde não há esforço. Diante desses paradigmas, a produção apresenta resultados indiscutivelmente impressionantes de qualidade e eficiência. No entanto, a reflexão é algo que perde seu espaço e só ganha realidade diante do que deu errado.

Nesse contexto, nós — profissionais de áreas onde a reflexão é condição para qualquer ação — nos deparamos com o primeiro desafio: ser o contraponto. Adaptamo-nos ao ritmo frenético da produção e vamos encontrando brechas e espaços de diálogo, promovendo o encontro tão rico e necessário da produção com a reflexão. Acreditamos que a necessidade da presença desse tipo de

[7] De uma certa forma o psicólogo funciona também como um representante dessa preocupação da própria empresa. Com isto, gostaríamos de evitar a idéia errônea de que empresa e psicólogo estariam em conflito, em pólos opostos de interesse. A dicotomia não nos interessa num campo onde a complexidade é caraterística estrutural.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

profissional em programas feitos por crianças não é uma coincidência, mas uma demanda real.

Essa demanda nasce da especificidade do trabalho com crianças. Elas são "trabalhadores" diferentes que exigem cuidados e atenção diferenciados. Lidar com crianças suscita, até no mais profissional e eficiente, a experiência do pudor, do cuidado e, inevitavelmente, da reflexão. Além disso, o trabalho com crianças leva-nos de encontro a limites reais. A partir disso, aquele "paradigma televisivo" do "nada é impossível" cai por terra. Ou seja, o trabalho de crianças em TV põe em suspensão tanto a idéia de uma produção frenética e sem tempo para o refletir quanto a idéia da ausência do impossível.

Não foi surpresa o encontro de muita resistência por parte de alguns profissionais em trabalhar nessa perspectiva de idéias, afinal, isto significa criar mais demandas e dificuldades onde já existem tantas. Podemos ter, a partir dessa situação, mais um elemento de análise sobre como funciona a estrutura interna da TV e, principalmente, como não há um discurso único sobre a criança. Baseada em minha experiência, poderia dizer que não há, nesse aspecto, uma ideologia dominante, mas muitas, fragmentadas, diversas e impostas pelas figuras de poder que lideram as equipes em cada produto ou núcleo.

No caso específico da relação com as crianças que trabalham num determinado produto, cada equipe pode apresentar uma forma de representação e entendimento da criança em geral, ou naquele contexto especifico, criando-se, assim, experiências muito distintas.

Essa também parece ser a realidade no que diz respeito à programação infantil. Não há uma representação unívoca sobre quem é essa criança para a qual se destinam aqueles produtos. Essa representação varia de uma equipe para outra. A única categoria que une todos os telespectadores — crianças ou não — é a categoria de consumidores, medida em todos os seus detalhes pelo Ibope.

Trata-se de um trabalho institucional que exige do psicólogo o manejo de muitas vozes e distintos interesses. Como instrumento indispensável, esse profissional deve ter consigo uma visão clara da representação de criança com a qual vai trabalhar, pois é essa representação que o guiará no contexto rápido e diversificado do trabalho em televisão. É a partir desse referencial que o psicólogo poderá dialogar com os discursos e as idéias sobre a criança e a infância presentes no cotidiano do trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Podemos dizer que a concepção de infância que esse psicólogo coloca como premissa vai definir que tipo de trabalho se vai constituir. Se ele vê a criança como um sujeito que funcionaria como uma tabula rasa e que estaria numa escala mais baixa do desenvolvimento, seu trabalho será, por exemplo, o de funcionar como um tutor e treinador, a promover a adaptação necessária e unilateral. Se, por outro lado, o psicólogo tem uma visão sobre a criança que a representa como um sujeito potente e dono de um discurso próprio, ele provavelmente valorizará a sua voz como um discurso alteritário legítimo e tentará fazer com que essa voz seja ouvida.

É no entrecruzamento mesmo dos enunciados produzidos na experiência cotidiana do trabalho que a palavra infância e criança se forjam e ganham corpo e realidade. Interessa-me saber qual *criança* ou quais *crianças* estão presentes nesses enunciados e qual *infância* pode ser produzida para que elas tenham uma experiência acima de tudo enriquecedora.

Mas que visão é essa que trago comigo? E que discursos são esses que circulam na equipe, entre os responsáveis, entre as próprias crianças e, finalmente, dentro da instituição-empresa de televisão? Existe uma unidade entre eles, alguma sintonia? Como os sujeitos envolvidos constroem a identidade dessa criança trabalhadora da televisão, ou seja, como se constitui essa subjetividade nesse contexto específico? A partir dessa delimitação como os sujeitos se relacionam? Que papéis, direitos, deveres e funções os sujeitos atribuem a si mesmos nas interações adulto-criança?

Em relação ao desejo e ao movimento migratório que leva crianças da frente para "dentro" da televisão, novas perguntas se estabelecem: quais são os caminhos que esse desejo constrói? Onde ele se estrutura? Quais são as suas origens e quais são as relações dessas origens com a realidade cotidiana dessas crianças? Qual a relação que essas crianças estabeleceram com a TV como telespectadoras? Como essas crianças vivem a sua condição de crianças? Estas seriam perguntas fundamentais para entendermos que "sujeito-criança" é esse que está "dentro" da TV e, a partir desse recorte, levantarmos questões sobre o "sujeito-criança" contemporâneo.

Espera-se, com esse pequeno retrato, ambientá-los no campo de prática desta pesquisa. São esse universo — os bastidores e suas vicissitudes — e a minha experiência nele com as crianças os pontos de partida para a reflexão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Voltaremos ao campo mais adiante. Antes, no entanto, iniciaremos um diálogo com os interlocutores teóricos — "vozes" que nos acompanham nessa tentativa de lançar alguma luz sobre tantas perguntas que tal experiência suscita.

Como relatado, há muitas representações e experiências de infância diferentes sendo vividas no contexto do que chamaremos "infância dos bastidores". Essa diversidade também parece estar presente no cotidiano da infância contemporânea e, como não poderia deixar de ser, no universo teórico sobre o tema. É essa diversidade que enfrentaremos a partir de agora.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA